

PREVALÊNCIA DE EXPOSIÇÃO ÀS SITUAÇÕES DE VIOLENCIA VIVIDAS POR ESTUDANTES ADOLESCENTES BRASILEIROS

PREVALENCE OF THE EXPOSURE TO SITUATIONS OF VIOLENCE EXPERIENCED BY BRAZILIAN IN-SCHOOL ADOLESCENTS

PREVALENCIA DE LA EXPOSICIÓN A SITUACIONES DE VIOLENCIA ENTRE LOS ESTUDIANTES ADOLESCENTES BRASILEÑOS

Deborah Carvalho Malta¹
Fabiana Martins Dias de Andrade²
Alan Cristian Marinho Ferreira³
Nádia Machado de Vasconcelos²
Sheila Aparecida Ferreira Lachtim¹
Erica Dumont Pena¹
Cristiane dos Santos Moutinho⁴
Márcio Dênis Medeiros Mascarenhas⁵

¹Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Escola de Enfermagem, Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública. Belo Horizonte, MG - Brasil.

²Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Faculdade de Medicina, Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública. Belo Horizonte, MG - Brasil.

³Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Belo Horizonte, MG - Brasil.

⁴Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Diretoria de Pesquisas. Rio de Janeiro, RJ - Brasil.

⁵Universidade Federal do Piauí - UFPI, Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade. Teresina, PI - Brasil.

Autor Correspondente: Deborah Carvalho Malta
E-mail: dcmalta@uol.com.br

Contribuições dos autores:

Análise Estatística: Deborah C. Malta, Fabiana M. D. Andrade; Aquisição de Financiamento: Deborah C. Malta; Coleta de Dados: Cristiane S. Moutinho; Conceitualização: Deborah C. Malta; Gerenciamento de Recursos: Deborah C. Malta; Gerenciamento do Projeto: Deborah C. Malta; Investigação: Deborah C. Malta, Fabiana M. D. Andrade, Alan C. M. Ferreira, Cristiane S. Moutinho; Metodologia: Deborah C. Malta, Fabiana M. D. Andrade, Alan C. M. Ferreira, Nádia M. Vasconcelos, Sheila A. F. Lachtim, Erica D. Pena, Cristiane S. Moutinho, Márcio D. M. Mascarenhas; Redação - Preparação do Original: Deborah C. Malta; Redação - Revisão e Edição: Deborah C. Malta, Fabiana M. D. Andrade, Alan C. M. Ferreira, Nádia M. Vasconcelos, Sheila A. F. Lachtim, Erica D. Pena, Cristiane S. Moutinho, Márcio D. M. Mascarenhas; Software: Cristiane S. Moutinho; Supervisão: Deborah C. Malta; Validação: Deborah C. Malta, Fabiana M. D. Andrade, Nádia M. Vasconcelos, Sheila A. F. Lachtim, Erica D. Pena, Cristiane S. Moutinho, Márcio D. M. Mascarenhas; Visualização: Deborah C. Malta, Fabiana M. D. Andrade, Alan C. M. Ferreira.

Fomento: Ministério da Saúde - MS, Termo de Execução Descentralizada - 66/2018.

Submetido em: 03/03/2022
Aprovado em: 07/07/2022

Editor Responsável:
Tânia Couto Machado Chianca

Como citar este artigo:

Malta DC, Andrade FMD, Ferreira ACM, Vasconcelos NM, Lachtim SAF, Pena ED, Moutinho CS, Mascarenhas MDM. Prevalência de exposição às situações de violência em estudantes adolescentes brasileiros. REME - Rev Min Enferm. 2022[citado em ____];26:e-1458. Disponível em:

DOI 10.35699/2316-9389.2022.38624

RESUMO

Objetivo: descrever e comparar os indicadores de exposição a situações de violência vividas por estudantes adolescentes, de acordo com sexo, tipo de escola e unidades federadas nos anos de 2015 e 2019. Métodos: estudo transversal, descritivo com dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). Foram descritas e comparadas as prevalências e seus respectivos intervalos de confiança de 95% (IC95%) dos indicadores de exposição às situações de violência envolvendo adolescentes. Resultados: apontaram que: faltaram à escola por insegurança no trajeto 11,6% (IC95%:11,1;12,1); faltaram à escola por insegurança na escola 10,8% (IC95%:10,3;11,2); maiores prevalências de violência foram nas meninas e em estudantes de escolas públicas. Dentre os indicadores do estudo, constatou-se a que a prevalência de escolares que estiveram envolvidos em briga com luta física foi de 10,6% (IC95%:10,2;11,0), em briga com utilização de arma de fogo 2,9% (IC95%:2,7;3,1) e uso de arma branca foi de 4,8% (IC95%:4,5;5,1), dos quais a maioria eram meninos que estudavam em escolas públicas. Relataram ter sofrido acidente ou agressão no último ano 18,2% (IC95%:17,7;18,7) e 21,0% (IC95%:20,5;21,6), tendo sido agredidos pela mãe/pai/responsável e a maioria oriunda de escolas particulares. Ocorreu melhorias nos seguintes indicadores entre 2015 e 2019: envolver-se em briga com arma de fogo, de 6,4% (IC95%: 5,6;7,2) em (2015) para 2,9% (IC95%:2,7;3,1) (2019); e envolver-se em briga com arma branca, de 7,9% (IC95%:7,0;8,8) (2015) para 4,8% (IC95%:4,5;5,1) em (2019). Conclusão: os adolescentes estão expostos a violências no âmbito escolar ou comunitária, além de sofrerem violências no ambiente intrafamiliar/doméstico. Essas instituições deveriam ser capazes de garantir a proteção e o desenvolvimento saudável e seguro do adolescente.

Palavras-chave: Violência; Maus-tratos Infantil; Adolescente; Saúde do Estudante; Violência com Arma de Fogo.

ABSTRACT

Objective: to describe and compare the indicators corresponding to exposure to situations of violence experienced by in-school adolescents according to gender, type of school and Federation Units in 2015 and 2019. Methods: A cross-sectional and descriptive study conducted with data from the National School Health Survey (Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, PeNSE). The prevalence values and their respective 95% confidence intervals (85% CIs) of the indicators corresponding to exposure to situations of violence involving adolescents were described and compared. Results: They pointed out that: 11.6% missed classes due to insecurity on the way (95% CI: 11.1-12.1); 10.8% missed classes due to insecurity at school (95% CI: 10.3-11.2); and the highest prevalence values of violence were recorded among girls and public school students. Among the study indicators, it was found that the prevalence of students who were involved in physical fights was 10.6% (95% CI: 10.2-11.0), in fights with firearm use, 2.9% (95% CI: 2.7-3.1), and in fights with melee weapon use, 4.8% (95% CI: 4.5-5.1), most of them boys who attended public schools. 18.2% (95% CI: 17.7-18.7) reported having suffered an accident or aggression in the last year and 21.0% (95% CI: 20.5-21.6) stated having been assaulted by their mother/father/guardian, most of them from private schools. There were improvements in the following indicators between 2015 and 2019: engaging in a fight involving a firearm, from 6.4% (95% CI: 5.6-7.2) in 2015 to 2.9% (95% CI: 2.7-3.1) in 2019; and engaging in a fight involving a melee weapon, from 7.9% (95% CI: 7.0-8.8) in 2015 to 4.8% (95% CI: 4.5-5.1) in 2019. Conclusion: Adolescents are exposed to several types of violence in the school or community settings, in addition to experiencing violence in the family/domestic environment. These institutions should be capable of ensuring protection and healthy and safe development to adolescents.

Keywords: Violence; Child Abuse; Adolescent; Student Health; Gun Violence.

RESUMEN

Objetivo: describir y comparar los indicadores de exposición a situaciones de violencia de los estudiantes adolescentes según género, tipo de escuela y unidades federadas, en 2015 y 2019. Métodos: estudio transversal, descriptivo con datos de la Encuesta Nacional de Salud Escolar. Se describieron y compararon la prevalencia y los respectivos intervalos de confianza del 95% (IC95%) de los indicadores de exposición a situaciones de violencia que afectan a los adolescentes. Resultados: se registraron ausencias escolares: por inseguridad en el camino a la escuela 11,6% (IC95%:11,1;12,1); por inseguridad en la escuela 10,8% (IC95%:10,3;11,2); la mayor prevalencia fue entre las niñas y los estudiantes de escuelas públicas. Entre los indicadores del estudio: la prevalencia de alumnos implicados en peleas con lucha física fue del 10,6% (IC95%:10,2;11,0),

Como citar este artigo:

Malta DC, Andrade FMD, Ferreira ACM, Vasconcelos NM, Lachtim SAF, Pena ED, Moutinho CS, Mascarenhas MDM. Prevalência de exposição às situações de violência em estudantes adolescentes brasileiros. REME - Rev Min Enferm. 2022[citado em ____];26:e-1458. Disponível em:

DOI 10.35699/2316-9389.2022.38624

en peleas con armas de fuego del 2,9% (IC95%:2,7;3,1); uso de arma blanca del 4,8% (IC95%:4,5;5,1), la mayoría de ellos eran varones, que estudiaban en escuelas públicas. El 18,2% (IC95%:17,7;18,7) declaró haber sufrido un accidente o una agresión en el último año, el 21,0% (IC95%:20,5;21,6) fue agredido por su madre/padre/cuidador y la mayoría procedía de colegios privados. Se produjeron mejoras en los siguientes indicadores entre 2015 y 2019: involucrarse en una pelea con un arma de fuego, del 6,4% (IC 95%:5,6;7,2) en (2015) al 2,9% (IC 95%:2,7;3,1) (2019); involucrarse en una pelea con un cuchillo: del 7,9% (IC 95%:7,0;8,8) (2015) al 4,8% (IC 95%:4,5;5,1) en (2019). Conclusión: los adolescentes están expuestos a la violencia en el ámbito escolar o comunitario, además de sufrirla en el entorno intrafamiliar/doméstico. Estas instituciones deben ser capaces de garantizar la protección y el desarrollo sano y seguro del adolescente.

Palabras clave: Violencia; Maltrato a los Niños; Adolescente; Salud del Estudiante; Violencia con Armas.

INTRODUÇÃO

A violência contra crianças e adolescentes compõe um dos maiores problemas sociais e de saúde pública global, tendo impactos devastadores ao longo da vida. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a violência contra esse grupo inclui todas as formas de maus-tratos emocionais e/ou físicos, abuso sexual, negligência ou tratamento negligente, exploração comercial (trabalho infantil) ou outras formas. Esse quadro pode gerar danos potenciais ou reais à saúde das crianças, o que impacta na sobrevivência, no desenvolvimento ou na dignidade em contextos de relação de responsabilidade, confiança ou poder.¹

Globalmente, as estimativas mostram que 1 em cada 2 crianças com idade entre 2 e 17 anos experimentam algum tipo de violência anualmente.¹ No Brasil, no período de 2016 a 2020, ocorreram 34.918 mortes violentas intencionais de crianças e adolescentes de 0 a 19 anos de idade, das quais 91% eram de vítimas do sexo masculino e 75% tinham raça/cor da pele negra.²

Crianças e adolescentes expostos à violência apresentam maior probabilidade de desenvolver transtornos mentais, comportamentos de risco (como abuso de álcool e drogas, tabagismo e sexo inseguro), doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) (como câncer, diabetes e doença cardiovascular), doenças infecciosas (como infecção pelo vírus da imunodeficiência humana - HIV), além de problemas sociais, incluindo desempenho escolar insatisfatório, criminalidade e violência.¹ As violências constituem fenômenos multicausais, que se associam às desigualdades econômicas e socioculturais, mas também a aspectos subjetivos e comportamentais vigentes em cada sociedade.¹

Considerando os impactos da violência para indivíduos, famílias e sociedades, foram previstos, na Agenda 2030, por meio dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), indicadores referentes à eliminação da violência contra mulheres e meninas, à redução de um terço

das taxas de feminicídio e homicídio de crianças, adolescentes, jovens, negros, indígenas, mulheres e pessoas LGBTQIAP+, à redução de armas ilegais, entre outros.³ Esses indicadores representam responsabilidades para com o presente e o futuro do país.

Nesse cenário, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) tem por objetivo conhecer e dimensionar os fatores de risco e de proteção à saúde dos(das) adolescentes, assim como obter informações sobre situações de violência vividas e percebidas por estudantes adolescentes.⁴ A importância desse monitoramento se destaca, principalmente, porque a violência é a principal causa de morbimortalidade entre adolescentes no Brasil.⁵

Assim, os objetivos do presente estudo são descrever e comparar os indicadores de exposição às situações de violência vividas por escolares, de acordo com o sexo, o tipo de escola e as unidades federadas (UF) nos anos de 2015 e 2019.

MÉTODOS

Tipo de estudo e local

Trata-se de estudo transversal e descritivo que utilizou dados secundários da PeNSE, realizada nas escolas públicas e privadas do Brasil nas edições de 2015 e 2019. A pesquisa foi desenvolvida numa parceria entre o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Ministério da Saúde (MS), além de ter contado com apoio do Ministério da Educação.⁴

Amostra

Em 2015, utilizaram-se dois planos amostrais distintos: a) Amostra 1: estudantes que frequentavam o 9º ano do ensino fundamental; b) Amostra 2: estudantes de 13 a 17 anos de idade que frequentavam o 6º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio. Em 2015, foram investigados(as) 10.926 estudantes brasileiros(as) de 371 escolas e 653 turmas nas cinco principais regiões do país, em escolas públicas e privadas.⁶ O plano amostral da PeNSE é conglomerado em dois estágios: as escolas correspondem ao primeiro estágio e as turmas de estudantes matriculados ao segundo. Nas turmas selecionadas, todos(as) os(as) adolescentes foram convidados a responder o questionário da pesquisa.⁴

Em 2019, utilizou-se uma única amostra de estudantes, composta por adolescentes de 13 a 17 anos de idade, provenientes de escolas públicas e privadas. Participaram

159.245 estudantes de 4.242 escolas, distribuídos em 6.612 turmas.⁴ Foram calculados pesos amostrais considerando: os pesos das escolas, turmas e estudantes, tendo sido ajustados a partir dos dados do Censo Escolar. Detalhes da amostra podem ser encontrados em outras publicações.^{4,6}

Os(as) estudantes, por meio de smartphones, responderam ao questionário estruturado e autoaplicável, o qual contemplava informações sobre situação socioeconômica, contexto familiar, experimentação e uso de cigarro, álcool e outras drogas, violência, segurança, acidentes e outras condições de vida desses(as) adolescentes que frequentam a escola.⁴

Indicadores

O presente estudo analisou indicadores referentes às situações de violência apresentados na Figura 1. É importante ressaltar que, por serem aplicados por meio de software em smartphones, os questionários da PeNSE são programados de forma a não haver ausência de resposta, sendo que o estudante só consegue avançar nas questões ao completar cada uma das respostas.

Calcularam-se as prevalências e os respectivos intervalos de confiança de 95% (IC95%) dos indicadores de exposição a situações de violência obtidos em cada edição da pesquisa, considerando o sexo autodeclarado (masculino; feminino), o tipo de escola (pública; privada) e as unidades federadas. A comparação foi realizada somente para os indicadores de exposição à violência comuns nas edições de 2015 e 2019. Considerou-se significativa a diferença quando não houve sobreposição dos IC95% entre os anos avaliados.

A estrutura do processo de amostragem e os pesos após a estratificação foram considerados para todas as análises. Os dados foram analisados pelo software estatístico SAS, e os dados estão disponibilizados no website do IBGE (www.ibge.gov.br).

Aspectos éticos

A realização da pesquisa foi precedida de contato com as Secretarias Estadual e Municipal de Educação e com a direção das escolas selecionadas em cada município. Os(as) estudantes foram informados(as) sobre a pesquisa, sua livre participação e a possibilidade de desistirem de participar caso não se sentissem à vontade para responder às questões. A PeNSE está em conformidade com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos, tendo sido aprovada

pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Ministério da Saúde (CONEP/MS).

RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta as prevalências de exposição à violência vividas por estudantes em 2019. Em relação ao total, 11,6% (IC95%:11,1;12,1) dos(as) estudantes referiram ter faltado à escola nos 30 dias anteriores à pesquisa por insegurança no trajeto casa-escola, e 10,8% (IC95%:10,3;11,2) faltaram devido à insegurança na escola. Do total de estudantes, 10,6% (IC95%:10,2;11,0) estiveram envolvidos(as) em briga com luta física, 2,9% (IC95%:2,7;3,1) em briga na qual houve utilização de arma de fogo e 4,8% (IC95%:4,5;5,1) em brigas com uso de arma branca. Quanto a ter sofrido acidente ou agressão no último ano anterior à pesquisa, a prevalência foi de 18,2% (IC95%:17,7;18,7). Referente ao(a) agressor(a), 21,0% (IC95%:20,5;21,6) foram agredidos(as) pela mãe, pai ou responsável, e 13,2% (IC95%:12,7;13,7) foram agredidos(as) por outras pessoas.

A prevalência de falta à escola por insegurança no trajeto casa-escola foi mais elevada entre meninas (12,7%; IC95%:12,0;13,4) se comparadas aos meninos (10,5%; IC95%:9,9;11,0). As faltas por insegurança na escola foram mais prevalentes nas meninas (12,1%; IC95%:11,5;12,7). Entre os meninos, verificou-se maior envolvimento em brigas com luta física (10,6%; IC95%:10,2;11,0), brigas com uso de armas de fogo (4,4%; IC95%:4,0;4,8) e brigas uso de armas brancas (6,6%; IC95%:6,2;7,1). Quanto a ter sofrido acidente ou agressão no último ano, a prevalência foi 19,9% (IC95%:19,3;20,6) nos meninos e 16,5% (IC95%:16,0;17,1) nas meninas. As meninas foram agredidas principalmente pela mãe, pelo pai ou responsável (19,6%) (IC95%:19,3;20,6), e os meninos por outras pessoas (14,4%) (IC95%:13,8;14,9) (Tabela 2).

Referente ao tipo de instituição de ensino, faltaram à escola devido à insegurança no trajeto casa-escola 12,5% (IC95%:11,9;13,1) dos(as) estudantes de escolas públicas, contra 6,2% (IC95%:5,7;6,6) de escolas particulares. Quanto à insegurança na escola, a prevalência também foi maior na escola pública (11,4%) (IC95%:10,9;11,9). O envolvimento em brigas em que houve uso de arma de fogo (3,1%) (IC95%:2,9;3,4) e arma branca (5,1%) (IC95%:4,8;5,5) foram mais prevalentes nas escolas públicas. Se comparados aos(as) alunos(as) de escolas públicas, estudantes de escolas particulares tiveram maior prevalência de referência a acidentes ou agressão (26,1%; IC95%:25,4;26,8), agressão pela mãe, pai ou responsável 23,6% (IC95%:22,9;24,3) e por outra pessoa 16,4% (IC95%:15,7;17,0). Não houve diferença significativa no envolvimento em briga

Figura 1 - Descrição dos indicadores, perguntas e opções de respostas referentes à exposição às situações de violência por estudantes adolescentes. Brasil, 2015 e 2019

INDICADORES	PeNSE 2015	PeNSE 2019
Faltaram à escola nos 30 dias anteriores à pesquisa por insegurança no trajeto casa-escola	NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, em quantos dias você deixou de ir à escola porque não se sentia seguro(a) no caminho de casa para a escola ou da escola para casa? Nenhum dia nos últimos 30 dias (0 dia); 1 dia nos últimos 30 dias; 2 dias nos últimos 30 dias; 3 dias nos últimos 30 dias; 4 dias nos últimos 30 dias; 5 dias ou mais nos últimos 30 dias	NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, em quantos dias você deixou de ir à escola porque não se sentia seguro(a) NO CAMINHO de casa para a escola ou da escola para casa? Nenhum dia nos últimos 30 dias; 1 dia; 2 dias; 3 dias; 4 dias; 5 dias ou mais
Faltaram à escola nos 30 dias anteriores à pesquisa por insegurança na escola	NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, em quantos dias você não foi à escola porque não se sentia seguro(a) na escola? Nenhum dia nos últimos 30 dias (0 dia); 1 dia nos últimos 30 dias; 2 dias nos últimos 30 dias; 3 dias nos últimos 30 dias; 4 dias nos últimos 30 dias; 5 dias ou mais nos últimos 30 dias.	NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, em quantos dias você não foi à escola porque não se sentia seguro(a) NA ESCOLA? Nenhum dia nos últimos 30 dias; 1 dia; 2 dias; 3 dias; 4 dias; 5 dias ou mais
Estiveram envolvidos(as) em briga com luta física nos 30 dias anteriores à pesquisa	NOS ÚLTIMOS 12 MESES, quantas vezes você foi agredido(a) fisicamente? Nenhuma vez nos últimos 30 dias (0 vez); 1 vez nos últimos 30 dias; 2 ou 3 vezes nos últimos 30 dias; 4 ou 5 vezes nos últimos 30 dias; 6 ou 7 vezes nos últimos 30 dias; 8 ou 9 vezes nos últimos 30 dias; 10 ou 11 vezes nos últimos 30 dias; 12 vezes ou mais nos últimos 30 dias. (Não comparável)	NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, você esteve envolvido(a) em briga com luta física? Sim; Não
Estiveram envolvidos(as) em briga na qual alguma pessoa usou arma de fogo nos 30 dias anteriores à pesquisa	NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, você esteve envolvido(a) em alguma briga em que alguma pessoa usou arma de fogo, como revólver ou espingarda? Sim; Não	NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, você esteve envolvido(a) em alguma briga em que alguma pessoa usou arma de fogo, como revólver ou espingarda? Sim; Não
Estiveram envolvidos(as) em briga na qual alguma pessoa usou arma branca nos 30 dias anteriores à pesquisa	NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, você esteve envolvido(a) em alguma briga em que alguma pessoa usou alguma outra arma como faca, canivete, peixeira, pedra, pedaço de pau ou garrafa? Sim; Não	NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, você esteve envolvido(a) em alguma briga em que alguma pessoa usou alguma outra arma como faca, canivete, peixeira, pedra, pedaço de pau ou garrafa? Sim; Não
Sofreram acidente ou agressão alguma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa	NOS ÚLTIMOS 12 MESES, quantas vezes você foi seriamente ferido(a)? Nenhuma vez nos últimos 30 dias (0 vez); 1 vez nos últimos 30 dias; 2 ou 3 vezes nos últimos 30 dias; 4 ou 5 vezes nos últimos 30 dias; 6 ou 7 vezes nos últimos 30 dias; 8 ou 9 vezes nos últimos 30 dias; 10 ou 11 vezes nos últimos 30 dias; 12 vezes ou mais nos últimos 30 dias. (Não comparável)	NOS ÚLTIMOS 12 MESES, você sofreu algum acidente ou agressão? Sim; Não
Foram agredidos(as) fisicamente alguma vez pela mãe, pai ou responsável nos 12 meses anteriores à pesquisa	NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, quantas vezes você foi agredido(a) fisicamente por um adulto da sua família? Nenhuma vez nos últimos 30 dias (0 vez); 1 vez nos últimos 30 dias; 2 ou 3 vezes nos últimos 30 dias; 4 ou 5 vezes nos últimos 30 dias; 6 ou 7 vezes nos últimos 30 dias; 8 ou 9 vezes nos últimos 30 dias; 10 ou 11 vezes nos últimos 30 dias; 12 vezes ou mais nos últimos 30 dias. (Não comparável)	NOS ÚLTIMOS 12 MESES, quantas vezes você foi agredido(a) fisicamente por sua mãe, pai ou responsável? Nenhuma vez nos últimos 12 meses; 1 vez; 2 a 5 vezes; 6 ou mais vezes
Foram agredidos(as) fisicamente alguma vez por outra pessoa que não seja mãe, pai ou responsável nos 12 meses anteriores à pesquisa	Não há pergunta sobre violência que não familiar nessa edição. (Não comparável)	NOS ÚLTIMOS 12 MESES, quantas vezes você foi agredido(a) fisicamente por OUTRA PESSOA que não seja sua mãe, pai ou responsável? Nenhuma vez nos últimos 12 meses; 1 vez; 2 a 5 vezes; 6 ou mais vezes

Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde de Escolares (PeNSE).

Tabela 1 - Prevalência de exposição às situações de violência por estudantes de 13 a 17 anos, segundo sexo e tipo de escola. Brasil, 2019

Indicadores 2019	Total	Sexo		Tipo de escola	
		Masculino	Feminino	Pública	Privada
		% (IC95%)	% (IC95%)	% (IC95%)	% (IC95%)
Faltaram à escola nos 30 dias anteriores à pesquisa por insegurança no trajeto casa-escola	11,6 (11,1;12,1)	10,5 (9,9;11,0)	12,7 (12,0;13,4)	12,5 (11,9;13,1)	6,2 (5,7;6,6)
Faltaram à escola nos 30 dias anteriores à pesquisa por insegurança na escola	10,8 (10,3;11,2)	9,4 (8,8;9,9)	12,1 (11,5;12,7)	11,4 (10,9;11,9)	7,07 (6,6;7,6)
Estiveram envolvidos em briga com luta física nos 30 dias anteriores à pesquisa	10,6 (10,2;11,0)	14,6 (14,0;15,2)	6,7 (6,2;7,2)	10,7 (10,2;11,2)	10,2 (9,7;10,7)
Estiveram envolvidos em briga na qual alguma pessoa usou arma de fogo nos 30 dias anteriores à pesquisa	2,9 (2,7;3,1)	4,4 (4,0;4,8)	1,5 (1,2;1,7)	3,1 (2,9;3,4)	1,49 (1,3;1,7)
Estiveram envolvidos em briga na qual alguma pessoa usou arma branca nos 30 dias anteriores à pesquisa	4,8 (4,5;5,1)	6,6 (6,2;7,1)	3,0 (2,7;3,4)	5,1 (4,8;5,5)	3,0 (2,7;3,2)
Sofreram acidente ou agressão alguma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa	18,2 (17,7;18,7)	19,9 (19,3;20,6)	16,5 (16,0;17,1)	16,9 (16,3;17,4)	26,1 (25,4;26,8)
Foram agredidos fisicamente alguma vez pela mãe, pai ou responsável nos 12 meses anteriores à pesquisa	21,0 (20,5;21,6)	19,9 (19,3;20,6)	22,1 (21,3;22,9)	20,6 (20,0;21,2)	23,6 (22,9;24,3)
Foram agredidos fisicamente alguma vez por outra pessoa que não seja mãe, pai ou responsável nos 12 meses anteriores à pesquisa	13,2 (12,7;13,7)	14,4 (13,8;14,9)	12,1 (11,5;12,7)	12,7 (12,2;13,2)	16,4 (15,7;17,0)

Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde de Escolares (PeNSE).

com luta física entre estudantes de escolas públicas e privadas (Tabela 1).

A Tabela 2 apresenta a comparação das prevalências de exposição à violência vivida por estudantes entre 2015 e 2019. A prevalência de estudantes que, nos últimos 30 dias, se envolveram em alguma briga com arma de fogo reduziu de 6,4% (IC95%:5,6;7,2) para 2,9% (IC95%:2,7;3,1). O envolvimento em alguma briga com arma branca reduziu de 7,9% (IC95%:7,0;8,8) em 2015 para 4,8% (IC95%:4,5;5,1) em 2019. Por outro lado, os indicadores de faltas à escola por insegurança no trajeto casa-escola

e por insegurança na escola não apresentaram diferenças entre 2015 e 2019.

A Figura 2, a seguir, apresenta a prevalência de falta à escola devido à insegurança no trajeto casa-escola, ao envolvimento em briga em que alguma pessoa usou arma de fogo e à acidente ou agressão alguma vez no ano anterior à pesquisa por UF. Na Figura 1(A), maiores prevalências foram encontradas no Rio de Janeiro 17,6% (IC95%:15,4;19,9), Roraima 15,2% (IC95%:13,0;17,4), Amapá 14,5% (IC95%:12,8;16,1), Amazonas 14,3% (IC95%:11,8;16,8) e Pará 13,4% (IC95%:11,3;15,5). Por outro lado, as menores prevalências foram observadas no Rio Grande do

Tabela 2 - Comparação entre as prevalências de exposição às situações de violência por estudantes de 13 a 17 anos. Brasil, 2015 e 2019

Indicadores	Total 2015 % (IC95%)	Total 2019 % (IC95%)
Faltaram à escola nos 30 dias anteriores à pesquisa por insegurança no trajeto casa-escola	13,1 (11,9-14,3)	11,6 (11,1-12,1)
Faltaram à escola nos 30 dias anteriores à pesquisa por insegurança na escola	10,1 (9,2-11,0)	10,8 (10,3-11,2)
Estiveram envolvidos em briga na qual alguma pessoa usou arma de fogo nos 30 dias anteriores à pesquisa	6,4 (5,6-7,2)	2,9 (2,7-3,1)
Estiveram envolvidos em briga na qual alguma pessoa usou arma branca nos 30 dias anteriores à pesquisa	7,9 (7,0-8,8)	4,8 (4,5-5,1)

Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde de Escolares (PeNSE).

Sul 8,0% (IC95%:6,4;9,7), Paraná 8,1% (IC95%:6,5;9,7) e Piauí 8,9% (IC95%:7,9;10,0). A Figura 2 (B) mostra que prevalências mais altas foram observadas em Roraima 4,3% (IC95%:3,1;5,5), Goiás 4,1% (IC95%:3,2;5,0), Rio de Janeiro 4,0% (IC95%:3,0;5,0), Paraná 3,7% (IC95%:2,8;4,6) e Amapá 3,6% (IC95%:3,0;4,3). Menores prevalências foram observadas no Piauí 1,9% (IC95%:1,4;2,4), Bahia 2,0% (IC95%:1,2;2,8) e Rio Grande do Sul 2,2% (IC95%:1,3;3,1). Na Figura 2 (C), as UF's com maiores prevalências de estudantes que sofreram acidente ou agressão foram Distrito Federal

21,3% (IC95%:19,5;23,2), São Paulo 20,8 (IC95%:19,1;22,5), Rio de Janeiro 19,6% (IC95%:18,3;20,9), Rio Grande do Sul 19,5% (IC95%:18,0;21,1) e Santa Catarina 19,1% (IC95%:16,7;21,4). Por outro lado, menores prevalências foram observadas em Alagoas 14,1% (IC95%:12,6;15,5), Piauí 14,7% (IC95%:13,1;16,3) e Pernambuco 15,5% (IC95%:13,6;17,4).

DISCUSSÃO

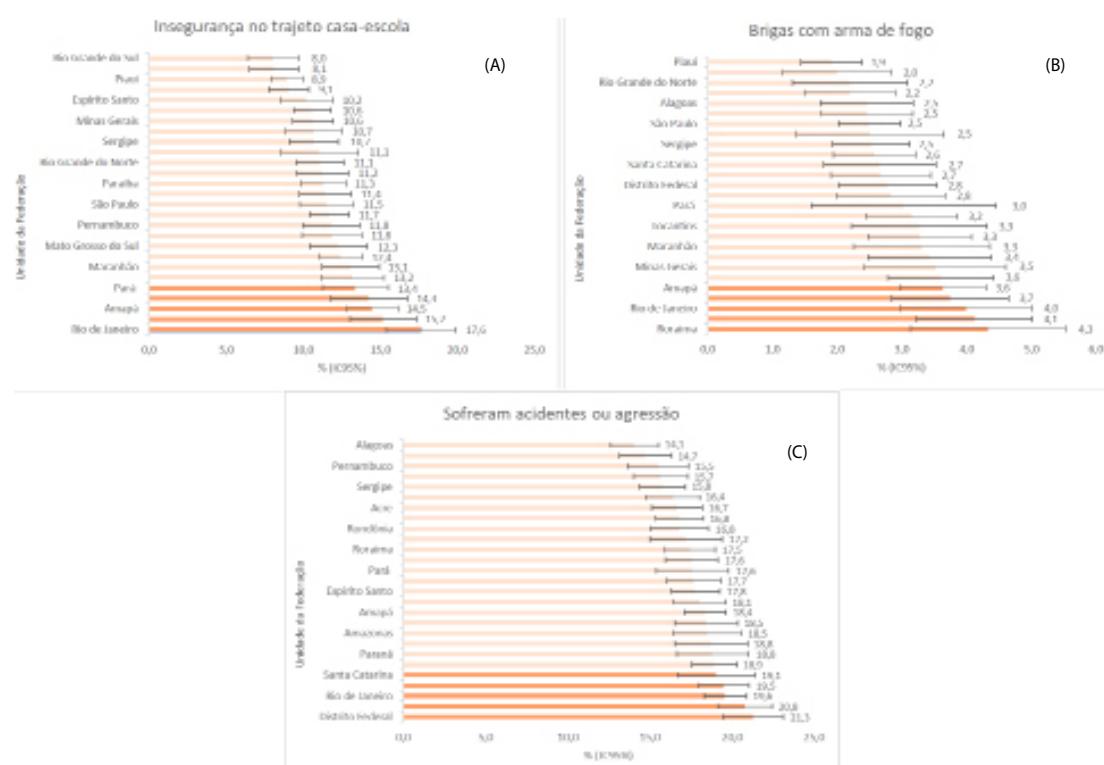


Figura 2 - Prevalência de estudantes de 13 a 17 anos que faltaram à escola nos 30 dias anteriores à pesquisa por insegurança no trajeto casa-escola (A), envolvimento em briga em que alguma pessoa usou arma de fogo nos 30 dias anteriores à pesquisa (B) e sofrimento de acidente ou agressão alguma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa (C), segundo Unidades Federadas. Brasil, 2019

O presente estudo mostrou que, em 2019, houve maior prevalência de faltas à escola por insegurança no trajeto ou na própria escola entre as meninas; já entre os meninos, essa prevalência esteve relacionada a brigas com luta física e brigas com uso de armas de fogo ou armas brancas. Em 2019, a prevalência de acidente e violência praticados contra os(as) adolescentes foi alta, sendo os meninos as principais vítimas. Em 2019, a exposição a situações de violência no trajeto ou na escola e de brigas com uso de armas ocorreu principalmente nas escolas públicas; entretanto, a ocorrência de acidentes e agressão foi mais alta nas escolas particulares. Na comparação entre 2015 e 2019, houve redução de brigas com luta física

e com uso de arma de fogo e arma branca no último ano estudado; por outro lado, houve estabilização nas faltas à escola por insegurança no trajeto casa-escola e por insegurança na escola.

A violência e as condutas violentas são exacerbadas em condições de desigualdades estruturais entre residentes de espaços urbanos degradados e periferias das cidades, com ausência ou pequena segurança pública e elevada ocorrência de eventos de violência policial.⁷ Ademais, a violência está inserida no cotidiano da sociedade e arrasta consigo crianças e adolescentes.⁸ A prevalência de faltas à escola por insegurança no trajeto ou na própria escola foi maior entre meninas. Entre 2015 e 2016, mulheres, em sua

maioria jovens, reconhecendo este problema, mobilizaram a hashtag "#Vamosjuntas?". Esse movimento teve como intuito a construção, via redes sociais, de redes solidárias para prevenir a violência contra mulheres em espaços públicos e estimular a parceria entre mulheres para caminharem juntas no sentido mais amplo, da solidariedade entre elas.⁹

A sensação de insegurança no deslocamento para a escola e no ambiente escolar também afetou mais alunos(as) de escolas públicas. Em 2009, resultados da PeNSE mostraram que a insegurança no trajeto casa-escola foi relatada por 6,4% dos estudantes pesquisados, e a insegurança na escola por 5,5%.¹⁰ Essa prevalência tem aumentado, o que indica uma piora na segurança dos estudantes. Cabe destacar que o tipo de escola, público ou privada, constitui-se uma proxy de condição socioeconômica. Além disso, algumas escolas públicas estão inseridas em locais de maior vulnerabilidade, com as periferias das grandes cidades, com menor estrutura e segurança, o que pode explicar esses resultados.^{10,11}

Um estudo realizado com estudantes de oito escolas públicas do ensino fundamental e médio do estado do Maranhão, região Nordeste do país, identificou que 70% dos(as) alunos(as) consideram o local onde vivem e estudam perigoso, sentindo-se inseguros(as) no trajeto de casa-escola e nos pontos de ônibus. Além disso, cerca de 22% dos(as) alunos(as) denominam a escola como espaço de violência.¹¹ Nos Estados Unidos, o inquérito National Youth Risk Behavior Survey System (YRBSS), realizado com estudantes do ensino médio, mostrou que, aproximadamente, 9% dos alunos deixaram de ir à escola porque não se sentiam seguros no trajeto casa-escola.¹² As escolas públicas estudadas concentram cerca de 80% dos adolescentes e apresentam maior proporção de mães com baixa escolaridade, o que reflete as desigualdades sociais e as iniquidades na distribuição dos recursos e equipamentos.⁴ Assim, essas escolas não se configuram como espaços violentos, mas, por estarem inseridas em contextos de violência estrutural, espelham essas características e a violência do entorno, que acabam adentrando seus muros.^{10,11}

As adolescentes deste estudo também são as que mais sofrem com a violência intrafamiliar, praticada pelos familiares e responsáveis. Esse tipo de violência está relacionado a vínculos familiares frágeis, uso de substâncias psicoativas,¹³ desigualdades na distribuição de renda e desemprego¹⁴ e violências estruturais contra mulheres e meninas.¹⁵

Neste estudo, para além da presença marcante da violência intrafamiliar (que atingiu cerca de um quarto das adolescentes), um destaque é para sua predominância entre adolescentes de escolas privadas. Esse dado corrobora um

fato bem discutido na literatura: que a violência intrafamiliar acontece nos distintos estratos sociais, inclusive, como aqui identificado, nas famílias mais ricas.¹⁰ Neste caso, observa-se a possibilidade da violência entendida como punição física destinada a estabelecer limites para comportamentos consideradas inadequadas dos(das) filhos(as). Muitas vezes, esse tipo de violência persiste porque os familiares a consideram de caráter educativo como modo constante de diálogo entre agressor(a) e adolescentes.¹⁶ Ademais, a violência intrafamiliar pode não ser reconhecida ou ter uma percepção distorcida pelos adolescentes, sendo, inclusive, naturalizada nas relações familiares e na comunidade. Nesse sentido, é importante que a escola e outros setores discutam e apontem as diversas formas e situações possíveis de violência, para que não se naturalizem.¹⁰

Por outro lado, este estudo mostrou que os meninos estiveram mais envolvidos em brigas com luta física e brigas com uso de armas de fogo ou armas brancas. O estudo atual, mostrou que um décimo dos estudantes relatou envolvimento em briga com luta física no último ano. A pesquisa Health Behaviour in School-aged Children (HBSC), realizada na Europa e no Canadá, mostrou que os meninos eram mais propensos do que as meninas a se envolver em briga três ou mais vezes nos últimos 12 meses, sendo 15% e 5% respectivamente. Além disso, essa diferença em relação ao gênero foi observada em quase todos os países estudados.¹⁷ Embora em baixa frequência, chamam a atenção os relatos de envolvimento em brigas com uso de armas de fogo e arma branca, pois têm potencial de ferimentos graves e até risco de morte. Destaca-se que, entre 2015 e 2019, ocorreu redução dessa prática; contudo, o perfil de ocorrência permaneceu semelhante, sendo mais frequente entre os meninos e nas escolas públicas.

Um estudo¹⁸ que analisou adolescentes de 12 a 17 anos nos EUA, entre os anos de 2002 e 2019, mostrou um aumento significativo na prevalência do autorrelato de porte de armas entre esses adolescentes, principalmente a partir de 2015, mas com mudança no padrão dos grupos com maior prevalência. Enquanto adolescentes brancos tiveram aumento de 3,1% para 5,3%, a prevalência entre adolescentes negros caiu de 4,0% para 3,2%. Ainda, entre os adolescentes de maior renda, a prevalência de porte de armas quase dobrou, indo de 2,6% para 5,1%, enquanto que, entre os adolescentes de baixa renda, houve redução da prevalência (de 4,3% para 3,7%). Essa mudança de padrão sociodemográfico de acesso a armas poderia ser uma justificativa para a queda da violência com armas entre os adolescentes brasileiros, que são majoritariamente negros e de baixa renda. Porém, outros

estudos precisam ser realizados para compreender essa mudança em sua completude.

A prevalência de estudantes que referiu ter sofrido acidente ou agressão no último ano foi elevada, aproximadamente 18%, e a maioria era do sexo masculino e de escolas particulares. Os acidentes e as agressões compõem o grupo das causas externas de morbidade e mortalidade e, juntos, respondem por cerca de 12% do total de óbitos e aproximadamente 15% do total de “Anos de Vida Perdidos Ajustados por Incapacidade” — “Disability-adjusted life years (DALYs)” — no Brasil.¹⁹ Em relação às agressões, no período de 2011 a 2017, do total de notificações de violência interpessoal e violência autoprovocada no Brasil, 26,2% foram entre adolescentes, cuja a maioria eram meninas com idade entre 15 e 19 anos.²⁰ Esses dados demonstram a gravidade desse problema na população adolescente.

Em 2019, a maioria das faltas às aulas por insegurança no trajeto casa-escola foi observada no Rio de Janeiro. Na pesquisa realizada em 2015, maiores prevalências de faltas foram nos estados de Maceió e Belém.¹⁰ Outro estudo com dados da PeNSE mostrou que maiores variações médias de falta às aulas por insegurança no trajeto casa-escola foram observadas em Cuiabá.²¹ Neste estudo, as brigas envolvendo uso de arma de fogo foram mais prevalentes no estado de Roraima. Um estudo com dados da PeNSE de 2015 mostrou que as capitais com mais prevalência de envolvimento em brigas com uso de arma de fogo foram Boa Vista-RR e Goiânia-GO.²¹ Essa insegurança reflete a violência estrutural nos bairros periféricos, onde há precariedade e ausência do Estado na manutenção de condições básicas de vida, aumentando a vulnerabilidade dos adolescentes. A falta de um projeto político de cidadania e de proteção dos direitos dificulta o exercício do papel da escola na formação e na proteção dos jovens.⁸

Por fim, destaca-se que a violência é um agravio que traz grandes prejuízos para os(as) adolescentes, como lesões físicas, danos psíquicos e sociais, o que reforça a importância das redes de cuidado e proteção social a essa população.²² Assim, devem-se priorizar ações como segurança pública, supervisão dos(das) estudantes no ambiente escolar e acompanhamento psicológico para adolescentes vítimas de violência no domicílio e na escola.¹⁰ O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído pela Lei nº 8.069, em 1990, assegura direitos especiais e proteção integral ao adolescente, além da obrigatoriedade da notificação compulsória, por parte dos(as) profissionais de saúde, de casos suspeitos ou confirmados de violência e maus-tratos. A despeito do que se observa nos resultados

do presente estudo, nos últimos anos, temos vivenciado, no Brasil, inúmeros retrocessos nos direitos garantidos pelo ECA, como a discussão sobre a redução da maioria penal, os ataques ao estatuto do desarmamento, a flexibilização do acesso às armas,²³ o ataque às políticas voltadas à erradicação da violência motivadas por gênero nas escolas,²⁴ o aumento da pobreza e a redução de investimento nos programas sociais.²⁵

Dentre as limitações, ressaltamos que a PeNSE não é representativa de todos(as) os(as) adolescentes brasileiros(as), mas de adolescentes que frequentam a escola. Possivelmente, os dados podem estar subestimados, uma vez que a violência nessa população tende a ser maior, devido à própria fase da vida. A adolescência é um período de muita instabilidade emocional, vulnerabilidades, desigualdades nas oportunidades, entre outros aspectos. Contudo, a PeNSE é considerada a mais ampla pesquisa realizada com adolescentes no país. O questionário é autorreferido pelo(a) estudante; portanto, está sujeito ao enviesamento de informação. Assim, os resultados podem ser sub ou superestimados, a depender da menor ou maior aceitação social dos comportamentos questionados. Além disso, não foi possível comparar todos os indicadores avaliados, devido às mudanças realizadas na pesquisa de 2019.

CONCLUSÃO

Conclui-se que, em 2019, a prevalência de faltas à escola por insegurança no trajeto ou na própria escola é maior entre meninas; por outro lado, os meninos se envolveram em mais brigas e uso de armas. Além disso, essas exposições ocorrereram principalmente nas escolas públicas. A prevalência de acidentes e agressões em 2019 foi alta, especialmente em escolas particulares. Ao comparar 2015 e 2019, houve redução de brigas e uso de armas.

Esses resultados evidenciam as situações de exposição à violência vivenciadas por adolescentes brasileiros e suas particularidades de acordo com o sexo. Além de sofrerem violência no ambiente intrafamiliar/doméstico, estão expostos a violências no âmbito escolar ou comunitária, ambas as instituições deveriam ser capazes de garantir a proteção e o desenvolvimento saudável e seguro do(a) adolescente. Nesse cenário, torna-se fundamental que os governantes priorizem o investimento em segurança pública, além de ações e estratégias para prevenir e enfrentar todas as formas de violências nas escolas e comunidades. É imprescindível a formação adequada dos profissionais de educação, saúde e outras áreas para que possam lidar com essa população em específico, tendo em vista que os(as) adolescentes se encontram em formação psicológica, física e social. Por fim, enfatizamos

que não há como resolver violência com violência, cenário recorrente no nosso país pelas corporações militares, mas, sim, com educação e socialização.

REFERÊNCIAS

1. World Health Organization (CH). Global status report on preventing violence against children 2020: executive summary. Geneva: World Health Organization; 2020[citado em 2022 fev. 13]. Disponível em: <https://www.who.int/publications/item/9789240006379>
2. Fundo das Nações Unidas para a Infância (US). Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil. Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2021[citado em 2022 fev. 13]. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/16421/file/panorama-violencia-lethal-sexual-contra-criancas-adolescentes-no-brasil.pdf>
3. Grupo de Trabalho da Sociedade Civil para a Agenda 2030. V Relatório Luz da Sociedade Civil Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável Brasil; 2021[citado em 2022 fev. 13]. Disponível em: <https://action4sd.org/wp-content/uploads/2021/07/Brazil-spotlight-report-2021-portuguese-3.pdf>
4. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BR). Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2019. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2021[citado em 2022 fev. 13]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf>
5. Malta DC, Minayo MCS, Cardoso LSM, Veloso GA, Teixeira RA, Pinto IV, et al. Mortalidade de adolescentes e adultos jovens brasileiros entre 1990 e 2019: uma análise do estudo Carga Global de Doença. Ciênc Saúde Colet. 2021[citado em 2022 fev. 13];26(9):4069-86. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.12122021>
6. Oliveira MM, Campos MO, Andreazzi MAR, Malta DC. Características da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE. Epidemiol Serv Saúde. 2017[citado em 2022 fev. 13];26(3):605-16. Disponível em: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742017000300017>
7. Reichenheim ME, Souza ER, Moraes CL, Mello Jorge MHP, Silva CMFP, Minayo MCS. Violence and injuries in Brazil: the effect, progress made, and challenges ahead. Lancet. 2011[citado em 2022 fev. 13];377(9781):1962-75. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(11\)60053-6/fulltext#](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(11)60053-6/fulltext#)
8. Silva LF, Freire JL, Prado LM. Cidadania e Violência Estrutural. Rev Bras Educ Cultura. 2018[citado em 2022 fev. 13];17:94-103. Disponível em: <https://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura/article/view/348>
9. Santos MEM. Redes de mulheres e o ativismo feminista no Facebook: uma análise histórica das fanpages "Não me kahlo" e "Vamos juntas?" [dissertação]. Goiânia: Universidade Federal de Goiás; 2019.
10. Malta DC, Souza ER, Silva MMA, Silva CS, Andreazzi MAR, Crespo C, et al. Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). Ciênc Saúde Colet.
11. Macedo RMA, Bomfim MCA. Violências na escola. Rev Diálogo Educ. 2009[citado em 2021 dez. 12];9(28):605-18. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189114443014.pdf>
12. Center for Disease Control (US). Trends in the Prevalence of Behaviors that Contribute to Violence on School Property National YRBS: 1991-2019. 2020[citado em 2021 dez. 12]. Disponível em: https://www.cdc.gov/healthyyouth/data/yrbs/pdf/trends/2019_violence_school_property_trend_yrbs.pdf
13. Antunes JT, Machado ÍE, Malta DC. Fatores de risco e proteção relacionados à violência intrafamiliar contra os adolescentes brasileiros. Rev Bras Epidemiol. 2020[citado em 2021 dez. 12];23(suppl 1):e200003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720200003.suppl.1>
14. Souza GS, Magalhães FB, Gama IS, Lima MVN, Almeida RLF, Vieira LJS, et al. Determinantes sociais e sua interferência nas taxas de homicídio em uma metrópole do Nordeste brasileiro. Rev Bras Epidemiol. 2014[citado em 2021 dez. 12];17(suppl 2):194-203. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-4503201400060016>
15. Pinto IV, Bernal RTI, Souza MFM, Malta DC. Factors associated with death in women with intimate partner violence notification in Brazil. Ciênc Saúde Colet. 2021[citado em 2021 dez. 12];26(3):975-85. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021263.00132021>
16. Nunes CB, Sarti CA, Ohara CVS. Concepções de profissionais de saúde sobre a violência intrafamiliar contra a criança e adolescente. Trab Educ Saúde. 2015[citado em 2021 dez. 12];13(suppl 2):79-95. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sip0083>
17. Inchley J, Currie D, Budisavljevic S, Torsheim T, Jästad A, Cosma A, et al. Spotlight on adolescent health and well-being. Findings from the 2017/2018 Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) survey in Europe and Canada. WHO Regional Office for Europe; 2020[citado em 2021 dez. 12]. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/332091/9789289055000-eng.pdf>
18. Carey N, Coley RL. Prevalence of adolescent handgun carriage: 2002-2019. Pediatrics. 2022[citado em 2021 dez. 12];149(5):e2021054472. Disponível em: <https://doi.org/10.1542/peds.2021-054472>
19. Institute for Health Metrics and Evaluation (US). GBD Compare, Viz Hub. Institute for Health Metrics and Evaluation; 2019[citado em 2021 dez. 12]. Disponível em: <https://vizhub.healthdata.org/gbd-compare/>
20. Pereira VOM, Pinto IV, Mascarenhas MDM, Shimizu HE, Ramalho WM, Fagg CW. Violências contra adolescentes: análise das notificações realizadas no setor saúde, Brasil, 2011-2017. Rev Bras Epidemiol. 2020[citado em 2022 jan. 15];23(suppl 1):e200004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720200004.suppl.1>
21. Pinto IV, Barufaldi LA, Campos MO, Malta DC, Souto RMCV, Freitas MG, et al. Tendências de situações de violência vivenciadas por adolescentes brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2009, 2012 e 2015. Rev Bras Epidemiol. 2018[citado em 2022 jan. 15];21(suppl 1):e180014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720180014.suppl.1>
22. Fernandes ESF, Santos AM. Desencontros entre formação profissional e necessidades de cuidado aos adolescentes na Atenção

- Básica à Saúde. Interface Comun Saúde Educ. 2020[citado em 2022 jan. 15];24:e190049. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.190049>
23. Malta DC, Souza ER. A Busca por Sociedades Pacíficas. Rev Bras Epidemiol. 2020[citado em 2022 jan. 15];23(suppl 1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720200001.suppl.1>
24. Reis T, Eggert E. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. Educ Socied. 2017[citado em 2022 jan. 15];38:(138):09-26. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302017165522>
25. Rasella D, Basu S, Hone T, Paes-Sousa R, Ocké-Reis CO, Millett C. Child morbidity and mortality associated with alternative policy responses to the economic crisis in Brazil: a nationwide microsimulation study. Plos Med. 2018[citado em 2022 jan. 15]; 15(5):e1002570. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1002570>
-

